

A INSERÇÃO DA CRIANÇA NO MUNDO DO ADULTO: REFLEXÕES SOBRE O PROCESSO DE ADULTIZAÇÃO INFANTIL

THE INSERTION OF THE CHILD IN THE WORLD OF ADULT: REFLECTIONS ON THE PROCESS OF CHILDREN'S ADULTS

Grasiela Pereira da Silva de Castilhos*
Janeide da Silva Leandro**

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar os fatores que influenciam no processo de “adultização” infantil e quais suas consequências para a criança que está em fase de desenvolvimento. Parte-se de um prisma histórico de descrever o conceito de infância ao longo do tempo e como foi constituído além de analisar a influência dos meios de comunicação social no processo de desenvolvimento infantil. Para tanto, tem-se como opção metodológica a pesquisa de cunho bibliográfico, remetendo-se ao pensamento de Ariés (1981) e Postman (1999). Entende-se por “adultização” infantil uma criança que desenvolve precocemente características semelhante a um adulto tanto nos aspectos psicológico, físico e social. Atualmente, através dos meios de comunicação, a criança tem acesso a todos os tipos de informações, que antes eram controladas pelos pais e pela escola. Esse excesso de conhecimento faz com que as crianças se desenvolvam precocemente. Nessa direção, a mídia, como uma poderosa ferramenta de informação, vem exercendo, por meio de suas propagandas publicitárias, a maturidade precoce das crianças, inserindo-as no mundo dos adultos, tornando-as alvo do consumismo. Os meios de comunicação social têm o poder de imprimir valores, de moldar a personalidade, de formar opiniões. Mesmo existindo leis que proíbam a publicidade infantil, ainda assim ela está presente na sociedade e cabe à família e a escola dialogarem e refletirem sobre as informações e propagandas com as crianças, para que elas desenvolvam um olhar mais crítico diante do mundo tecnológico e possam ter sua infância preservada.

Palavras-chave: Infância. Adultização. Mídia.

ABSTRACT

The present study aims to analyze the factors that influence the process of child adultery and its consequences for the child that is under development. It starts from a historical prism of describing the concept of childhood over time and how it was constituted beyond analyzing the influence of the media in the process of child development. To do so, one has as a methodological option the bibliographic research, referring to the thinking of Ariés (1981) and Postman (1999). "Childhood adultery" is understood as a child who

* Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação pela Universidade Federal do Paraná-UFPR. Docente do curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná-UNESPAR. grasicastilhos@hotmail.com

** Graduanda em Pedagogia pela Universidade Estadual do Paraná-UNESPAR. janeidy95@gmail.com

develops early characteristics similar to an adult in both the psychological, physical and social aspects. Today, through the media, the child has access to all kinds of information, which were previously controlled by parents and school. This excess of knowledge causes children to develop early. In this direction, the media, as a powerful information tool, has been exerting, through its advertising advertisements, the early maturity of children, inserting them in the world of adults, making them the target of consumerism. The media have the power to impress values, to shape the personality, to form opinions. Even if there are laws that prohibit child advertising, it is still present in society and it is up to the family and the school to talk and reflect on information and advertisements with children, so that they develop a more critical view of the technological world and may have his childhood preserved.

Keywords: Childhood. Adultization. Media.

Introdução

Vivemos na era da informação e da potencialização da tecnologia e, os excessos desse novo panorama influenciam a vida das crianças que se encontram em fase de desenvolvimento. Isso porque a criança tem sua infância negada, vivenciando as mesmas experiências e problemas dos adultos. A infância é a fase da vida em que o ser humano forma as bases e os alicerces para todo seu desenvolvimento. É nela que a criança adquire valores éticos e morais que a acompanhará por toda sua vida, formando sua personalidade. É um dos períodos mais importantes para o desenvolvimento da criança, por isso pais e professores precisam cumprir suas responsabilidades em garantir uma infância com tudo o que lhe é pertinente.

Nesse século XXI, a criança não tem mais segurança para brincar na rua tranquilamente. Consequentemente, os pais acabam deixando as crianças dentro de casa, em frente à televisão, esquecendo que a mídia é capaz de imprimir valores comportamentais de vida que vão influenciar a criança que está em processo de desenvolvimento. Isso funciona como um viés de inserção da criança em algumas dimensões da vida adulta, colocando-a num ritmo de vida amadurecida. Isso acaba por torná-las “adultizadas” muito cedo e nem sempre o desenvolvimento intelectual acompanha o desenvolvimento emocional, acarretando em problemas na vida adulta. As crianças precisam conviver com as demais, precisam brincar para ter um desenvolvimento adequado, pois é na infância que se adquire o hábito de conviver com os outros.

O presente trabalho tem como objetivo analisar os fatores que influenciam no processo de “adultização” infantil e quais suas consequências para a criança que está em

fase de desenvolvimento. Para isso, parte-se de um prisma histórico, descrevendo como o conceito de infância foi sendo constituído ao longo do tempo.

Uma vez apresentado o tema da pesquisa, o intuito é que esse trabalho possa colaborar e estimular mais debates e discussões sobre essa temática, que mais estudos reflexivos possam ser feitos acerca da “adultização” da infância e quais suas consequências para o processo de desenvolvimento infantil.

Concepções de infância ao longo dos séculos

A concepção da infância foi sendo desenvolvida socialmente ao longo do tempo, o olhar que se tem hoje diante da infância não é o mesmo que antigamente, a infância nem existia para a antiguidade, não existia consciência do que era ser criança, não se possuía um olhar voltado para as peculiaridades da criança que se tem hoje, elas eram vistas como adultos, só que em tamanho menor. Sendo assim, a infância era desvalorizada, vista como algo sem importância para o mundo adulto, porém ao longo do tempo foi sendo constituída, de acordo com as necessidades de cada época, como salienta Ariés (1981, p. 156),

[...] o sentimento da infância não existia – o que não quer dizer que as crianças fossem negligenciadas, abandonadas ou desprezadas. O sentimento da infância não significa o mesmo que afeição pelas crianças: corresponde à consciência da particularidade infantil, essa particularidade que distingue essencialmente a criança do adulto, mesmo jovem. Essa consciência não existia.

Na Idade Média, a infância era inexistente, a criança ainda era vista com um adulto em miniatura, não existia ainda um sentimento da infância, os pequenos participavam da vida social igual ao adulto e se comportavam de maneira parecida, até mesmo eram sujeitas ao trabalho, violências e até abusos sexuais, eram obrigadas a enfrentar a dura realidade do dia a dia, não havia distinção geracional entre adultos e crianças. Os adultos dialogavam com as crianças como se elas fossem da mesma idade que eles, não havia restrição alguma sobre o que conversavam e nem indícios de preocupação com a higiene dos bebês, como ressalta Postman (1999, p. 31),

[...] na Idade Média não há indícios de ensinamentos de hábitos de higiene nos primeiros meses da vida do bebê. E não será surpreendente o fato de não haver nenhuma relutância em discutir assuntos sexuais na presença das crianças.

Como relata Ariés (1981), em seu livro *a História Social da Criança e da Família*, na Idade Média, devido ao cenário de miséria e falta de saneamento básico em que as pessoas viviam, existia uma alta taxa de mortalidade infantil, por isso os pais não se apegavam muito as crianças. A morte de uma criança não era recebida com um sentimento de tristeza ou desespero, pois logo outra criança já nascia, ocupando o lugar daquela que morreu. Essa ausência de sentimentos mostrava o desinteresse e descaso pelas crianças, as quais nem eram citadas em testamentos e legados, uma vez que a taxa de mortalidade infantil era muito alta.

Nesse sentido apresentado, Ariés (1981) corrobora que no período medieval até o século XII, as crianças não eram representadas pela arte, a infância era desconhecida pela iconografia, provavelmente não por incompetência, mas a arte não valorizava essa fase (da infância), compreendendo que não havia espaço para ela. Nessa época, quando representadas, eram completamente desconexas da realidade, sem nenhuma característica de criança.

Com a invenção da imprensa no século XV, surge a necessidade de separar a infância do mundo adulto, como descreve Postman (1999, p. 32),

[...] a imprensa criou uma nova definição de idade adulta baseada na competência de leitura e, conseqüentemente, uma nova concepção de infância baseada na incompetência de leitura. Neste entendimento, para se tornarem adultos, agora teriam que aprender a ler e escrever, sendo necessário a educação para isso.

Neste entendimento, para se tornarem adultos, agora teriam que aprender a ler e escrever, era necessária a educação para isso. As crianças foram expulsas do mundo adulto, sendo necessário criar um lugar para elas, assim surgiu uma divisão entre o mundo adulto e mundo da infância.

Em seguida, no século XVI, surge um novo olhar para as crianças. Foi nessa época que surgiu o termo que Ariés (1981) chama de “paparicação”, as crianças eram vistas como seres inocentes, divertidos, vistos como uma fonte de distração para os adultos. No século XVII, a criança começou a ganhar mais espaço na sociedade, ocupando lugar central nas famílias e tudo que as envolvia era digno de preocupação. De acordo com Postman (1999, p. 51), “depois dos séculos XVI e XVII, reconheceu-se que a infância existia, que era uma característica natural das coisas”. A criança começou a ser respeitada como um ser especial que precisa ser separada e protegida do mundo adulto.

A partir do século XVIII as crianças ganharam mais espaço na iconografia, começando a ser representadas sozinhas, como ressalta Ariés (1981, p. 65),

Foi no século XVIII que os retratos de crianças sozinhas se tornaram numerosos e comuns. Foi também nesse século que os retratos de famílias muito mais antigas, tenderam a se organizar em torno da criança, que se tornou o centro da composição.

A partir do século XX, a criança teve seus direitos garantidos por lei, quando foi estabelecida a idade correspondente à infância, de acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei 8.069/90) que, em seu artigo 2º, indica que “considera-se criança, para efeitos desta Lei, a pessoa até doze anos”. Neste entendimento, as crianças passam a ter seus direitos garantidos pela legislação.

Segundo Menezes (2016, p. 6), “[...] a infância passou a ser considerada como um período de desenvolvimento humano com especificidades e necessidades diferenciadas apenas no início do século XX”. Foi nesse momento que a criança ganhou mais espaço na sociedade e começou a ser vista como uma etapa da vida que tem suas características próprias e que precisa ser tratada de acordo com suas peculiaridades.

Os fatores causadores da “adultização” infantil e suas consequências no desenvolvimento das crianças

Hodiernamente, o período da infância está sendo invadido por várias influências que estão modificando a criança, sendo ela: o capitalismo, a mídia e até mesmos os próprios adultos que estão “adultizando” as crianças. É preciso tomar cuidado para que os meios de comunicação não roubem a melhor fase da vida que seria a infância.

A infância é um período curto, mas de extrema importância para o desenvolvimento infantil, por isso os pais precisam estar atentos a esta questão como salienta Araújo (2016, p. 50), “[...] pais e famílias precisam estar em alerta e não permitir que sutilmente a infância passe despercebida, sendo ela uma fase cada vez mais curta na vida de nossas crianças”.

As crianças necessitam brincar com as demais crianças, logo é preciso que elas sejam crianças, como enfatiza Kunsch, (2014, p. 105), “as crianças precisam ser respeitadas, precisam ter o direito de brincar, de se divertir e de desfrutar de oportunidades de aprendizagem e de convívio social”. Assim, é preciso respeitar cada etapa do desenvolvimento da criança.

Contemporaneamente, vive-se no mundo da tecnologia, do capitalismo e da informação, onde o período da infância está cada vez mais sendo influenciado por essa constante evolução tecnológica como relata Hensel (2015, p. 18),

Esta infância é marcada pela mídia, pela tecnologia, pela desenfreada onda de ofertas de produtos para consumo. É a infância do mundo moderno, que se apresenta carregado de ambiguidades, ao mesmo tempo em que oferece segurança, apresenta perigo, em que oferece confiança, apresenta risco.

Em meio à realidade tecnológica em que as crianças têm acesso a todo o tipo de informação sem discriminação de seu conteúdo, elas estão se desenvolvendo precocemente, estão se tornando altamente consumistas. Portanto, compreende-se por “adultização” um desenvolvimento antecipado da criança, fazendo com que deixe de viver fases importantes de sua vida. “Adultização” significa uma criança semelhante a um adulto, tanto nos aspectos físicos como no psicológico e social, como ressalta Araújo (2016, p. 12),

Adultização: trata-se de um neologismo, está relacionado aos aspectos característicos de um ser adulto. O fenômeno da adultização precoce passa não só pela exposição das crianças a determinados temas como trabalho infantil, consumo, sexualidade, como também pela própria erotização da imagem da criança, onde a mesma possui atitudes e características similares a de uma pessoa em sua fase adulta.

O período da infância é caracterizado pela informação que recebem, o adulto controla as notícias e as crianças recebem as informações de acordo como podem ser absorvidas psicologicamente por elas, essa é umas das características que faz com que ocorra a separação entre a infância e o mundo adulto, como relata Postman, (1999, p. 86),

A infância, como tentei mostrar, foi o fruto de um ambiente em que uma forma especial de informação, exclusivamente controladas por adultos, tornou-se pouco a pouco disponível para as crianças por meios considerados psicologicamente assimiláveis.

No entanto, atualmente, com os avanços da tecnologia, as crianças estão tendo acesso a todos os tipos de informação, que antes eram controladas pelos pais e pela escola, entrando assim no mundo adulto. A televisão extingue a infância, como ressalta Postman, (1999, p. 94),

[...] a televisão destrói a linha divisória entre infância e idade adulta de três maneiras, todas relacionadas com sua acessibilidade indiferenciada: primeiro por que não requer treinamento para aprender sua forma; segundo porque não faz exigências complexas nem à mente nem ao comportamento; e terceiro porque não segrega seu público.

A televisão não consegue esconder nenhuma informação, as crianças são bombardeadas por informações todos os dias, sem estar preparadas psicologicamente para

assimilar tais informações, assim acabam sendo facilmente manipuladas pela mídia. Como afirmam Silva e Santos (2009, p. 2),

O poder de manipulação da mídia pode atuar como uma espécie de controle social, que contribui para o processo de massificação da sociedade, resultando num contingente de pessoas que caminham sem opinião própria. A mídia manipula as crianças a serem consumistas a se comportar como os adultos.

Mesmo que não se perceba a influência da mídia sobre as pessoas, ela é considerada o quarto poder, tendo a capacidade de imprimir valores comportamentais e morais, moldando as pessoas para agir e pensar como ela quer. Como relata Silva e Santos (2009), “A mídia é chamada e considerada o Quarto Poder, ou seja, o quarto maior segmento econômico do mundo, sendo a maior fonte de informação e entretenimento que a população possui”.

Se em uma pessoa adulta a mídia já exerce esse poder, ressalta-se como pode influenciar uma criança que é mais vulnerável e, devido à falta de segurança em nossa sociedade, acaba por ficar boa parte do tempo em frente à televisão. Observa-se que a mídia retrata as crianças como adultos em miniatura, como destaca Postman (1999, p. 136),

[...] as crianças praticamente desapareceram da mídia, especialmente da televisão. (Não há nenhum sinal delas no rádio ou nos discos, mas seu desaparecimento da televisão é mais revelador). Não quero dizer, claro, que pessoas de pouca idade não possam ser vistas. Quero dizer que quando são mostradas, são representadas como adultos em miniatura, à maneira das pinturas dos séculos treze e quatorze.

Nota-se que a televisão, por meio de suas propagandas e programas, está ganhando uma nova geração de consumidores, sendo que hoje as crianças exercem papel central nas famílias com um grande poder de consumo, por ter uma opinião determinante na hora da compra, o que a torna consumista. A criança não tem consciência do que é consumismo, como relata Araújo (2016, p. 39),

Na infância não se tem noção do que é consumismo, esse termo constitui-se como uma ideologia, uma prática diferente do consumo, onde leva o indivíduo a ter a necessidade de comprar produtos supérfluos e a fazer compras desnecessárias. Tratando-se de infância, não podemos responsabilizar as crianças pela prática consumista, mas refletir acerca da influência que elas têm de persuadir os adultos, como pais, na hora da compra.

Porém, existem leis que proíbem o marketing para as crianças devido ao fato de elas não estarem preparadas psicologicamente para distinguir e analisar o que está por

trás da mídia. No Brasil, temos o Código de Defesa do Consumidor, brasileiro, que no art. 37 dispõe que:

É proibida toda publicidade enganosa ou abusiva. § 2º É abusiva, dentre outras, a publicidade discriminatória de qualquer natureza, a que incite à violência, explore o medo ou a superstição, se aproveite da deficiência de julgamento e experiência da criança, desrespeite valores ambientais, ou que seja capaz de induzir o consumidor a se comportar de forma prejudicial ou perigosa à sua saúde ou segurança.

Ainda assim, há muitas propagandas destinadas ao público infantil. A televisão acaba por inserir os pequeninos no mundo adulto, fixa-os em um ritmo semelhante ao adulto, faz com que as crianças tenham inúmeros compromissos, o que gera crianças estressadas e cheias de doenças consideradas de adultos. Compreende-se que a televisão serve de babá para as crianças, pois muitos pais deixam as crianças na frente da televisão, entendendo que elas estarão seguras da violência de nossa sociedade, mas não sabem o mal que fazem para o desenvolvimento da criança, como destaca Araújo (2016, p. 45),

A televisão e a internet tem sido para essa geração uma espécie de babá, tem terceirizado o trabalho das famílias, muito do que elas sabem sobre alimentação, moda e sexo viram em vídeos do Youtube e em programas da TV. As crianças passam a maior parte do seu dia em casa, decorrência da violência nas ruas e também por suas escolas não serem de tempo integral [...]

A televisão exerce um poder influenciador sobre a vida das crianças, educando-as como ela quer. Nesse sentido, Hensel (2015, p. 17) destaca que “[...] a mídia assume uma função na construção da identidade infantil, pois quando os pais estão sem tempo para seus filhos, estes são entregues aos “cuidados” da televisão”. Neste entendimento, a televisão modela as crianças, constrói sua personalidade, faz com que se desenvolvam precocemente.

A mídia, como um centro de informação, tem suma importância de informar, de transmitir discussões importantes por aumentar as fronteiras do conhecimento, porém a mídia tem seu outro lado que seria o de adultizar e manipular as crianças como afirma Ferreguett (2014 p. 49),

A mídia também é vista como um paradoxo: de um lado, ela é o veículo primordial onde se travam os debates correntes sobre a natureza em mutação da infância. De outro lado, no entanto, as mídias são frequentemente acusadas de serem as causas originárias de tais problemas de provocarem indisciplina e comportamentos agressivos, de inflamarem a sexualidade precoce e de destruírem os laços sociais saudáveis que poderiam prevenir sua ocorrência.

Da mesma forma, Postman (1999, p. 18) ressalta que “Tanto quanto as diferentes formas de vestir, as brincadeiras das crianças, antes tão visíveis nas ruas das nossas cidades, também estão desaparecendo”. As crianças não inventam mais brincadeiras, elas recebem brinquedos prontos, criados pela indústria e não inventam mais brincadeiras, preferem ficar em frente às mídias.

Em decorrência a esses estímulos adultizadores, as crianças passam a viver como um adulto em miniatura, vestem-se, comportam-se e até mesmo falam igual aos adultos, como afirma Postman (1999, p. 18), “Para onde quer que a gente olhe, é visível que o comportamento, a linguagem, as atitudes e os desejos, mesmo a aparência física de adultos e crianças se tornem cada vez mais indistinguíveis”.

Outras consequências da adultização seria a erotização infantil, sedentarismo das crianças por ficarem muito tempo em frente às mídias sem se movimentar e consumir alimentos que não são saudáveis, os quais os levam à obesidade como salienta contribui Hensel (2015, p. 16): “Entre as influências mais frequentes da mídia na vida da criança estão o aumento do consumo, da obesidade, da erotização precoce, da violência, do estresse familiar e do sedentarismo infantil”.

Além do exposto, vale destacar que as crianças sabem lidar com as tecnologias mais que os próprios pais e professores, elas têm acesso a todo tipo de informação, mas não tem o psicológico preparado para isso, portanto cabe aos pais e à escola orientar as crianças para que os efeitos dessa adultização precoce não interfiram em seu desenvolvimento, como salienta Araújo (2016, p. 45),

A família, por ser a instituição mais próxima das crianças, tem a responsabilidade de protegê-las em seu convívio familiar. Não podemos aceitar neutralidade e nos conformarmos, é preciso ampliar debates em um âmbito social.

A família tem a responsabilidade de preservar a infância, de dialogar com as crianças sobre as informações que recebem, as campanhas publicitárias, para que elas desenvolvam o senso crítico, pois não se pode controlar o acesso às mídias, desse modo cabe aos pais ensinar as crianças a pensar e refletir sobre os meios de comunicação social, conforme ressalta Postman (1999, p. 167),

[...] a tentativa de controlar o acesso da mídia aos filhos. Há, de fato, duas maneiras de fazê-lo. A primeira é limitar o tempo de exposição das crianças à mídia. A segunda é monitorar cuidadosamente aquilo a que estão expostas e fornecer-lhes continuamente uma crítica corrente dos temas e valores do conteúdo da mídia. Ambas são muito difíceis de fazer e requerem um nível de atenção que a maioria dos pais não está disposta a dar à criação dos filhos.

Os pais que procuram controlar o acesso dos filhos aos meios de comunicação social estão ajudando as crianças a terem uma infância, a se desenvolverem plenamente.

Considerações finais

Por meio do desenvolvimento desta pesquisa, percebe-se que a concepção de infância que temos hoje não é a mesma que existia antigamente, ela foi desenvolvida ao longo do tempo de acordo com as necessidades sociais, culturais e políticas de cada época. Na idade média não existia o sentimento de infância, mas ao longo do tempo foi constituído e, atualmente, tem-se um olhar voltado para as peculiaridades das crianças, que tem seus direitos garantidos por lei. Contudo, percebe-se que ocorre um declínio da infância com o avanço das tecnologias do capitalismo, as crianças estão tendo acesso a todos os tipos de informações, sem estar psicologicamente preparadas para discernir esses dados, adentram assim no mundo adulto precocemente e se tornam alvo da mídia publicitária, são induzidas a consumir produtos sem sua real necessidade.

Compõe-se uma realidade em que a criança se tornou altamente consumidora, não porque tem dinheiro para comprar, mas por ter o poder de persuadir os pais a comprarem. Ou seja, as crianças são manipuladas pela mídia e, por sua vez, manipulam seus pais. Contudo, as crianças se encontram em processo de desenvolvimento, não estão psicologicamente preparadas para lidar com a publicidade. Mesmo existindo leis que proibam a publicidade infantil, ainda assim ela está presente na sociedade e cabe aos pais orientar e dialogar com as crianças, como também cabe à escola proporcionar reflexão aos alunos sobre as propagandas, as informações que recebem, para que elas desenvolvam um olhar mais crítico diante desse mundo tecnológico e possam ter sua infância preservada.

Referências

ARAÚJO, D. D. **Adultização infantil no século XXI: uma abordagem histórica acerca das concepções de infância.** 62 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Setor de Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Caicó, 2016.

ARIÈS, P. **História social da criança e da família.** 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

BRASIL. **Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil.** Brasília, DF: MEC/SEF, 1998. V. 1 e 2.

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Lei Federal 8.069/1990. 5. ed. Natal: CONSEC (Conselho Estadual dos Direitos da Criança e do Adolescente), 2008.

FERREGUETT, C. **Relações dialógicas em revista infantil: processo de adultização de meninas**. 243 f. Tese (Doutorado em Estudo de Linguagens) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

HENSEL, L. C. **Influências da mídia no desenvolvimento infantil**. 37 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Setor de Ciências Humanas, Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, Santa Rosa, 2015.

KUNSCH, C. K. Excesso de Atividades, Consumo e Superproteção: possíveis fatores de tédio em crianças. **Revista Veras**, São Paulo, v. 4, n. 1, p. 99-115, jan./jun. 2014.

MENEZES, S. M. M. Adultização da Infância pela mídia: uma leitura sócia histórica. **Revista Psicologia**, ano 16, n. 2, p. 1-15, abr. 2016.

POSTMAN, N. **O desaparecimento da infância**. Rio de Janeiro: Graphia, 1999.

SILVA, E. F. G; SANTOS, S. E. B. O impacto e a influência da mídia sobre a produção de subjetividade. In: ENCONTRO NACIONAL DA ABRAPSO, XV., **Anais...** Maceió, 2009. Disponível em:
<http://www.abrapso.org.br/siteprincipal/images/Anais_XVENABRAPSO/447.%00%20impacto%20e%20a%20influ%Cancia%20da%20m%C3Ddia.pdf> Acesso em: 6 jan. 2018.